

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO III

13 DE JANEIRO
DE 1892

ESTADO DO PARAHYBA

ORGÃO REPUBLICANO

ASSIGNATURA

ANNO III CAPITAL Mez. 45000 Folha avulsa 60 rs.

Ano. 10\$000

Quarta-feira, 13 de Janeiro de 1892

ESPECTORIO E REDACÇÃO RUA DA MISERICORDIA N.º 9

ASSIGNATURA

ESTADOS E Seinestre : 78000
INTERIOR Anno. 13\$000

N. 432

Editaçā, linha 160 rs.

AVISO

Pedimos aos cidadãos que quiserem continuar a receber o nosso jornal o obsequio de mandarem satisfazer e reforçar as suas assinaturas até o fim do corrente mez.

Os que não quiserem continuar farão o obsequio de devolver os jornais pelo mesmo distribuidor ou cerreio.

ESTADO DO PARAHYBA

A nossa attitudé

As deceções que tão prematuramente vêm soffrendo, n'uma política anárquica de subitas e proteicas transformações, a inestimável conquista resultante do heroico movimento de 15 de Novembro, não têm força, por mais impetuosa que se torne a precipitação dos acontecimentos, para o desvio de nossa orientação, que tem sido o continuado a ser a franca e decisiva defesa dos generosos princípios republicanos na federação integral dos Estados.

A experiência amarga destes dias escuros, que transitoriamente nos tolaram o azul das esperanças patrióticas, não nos oferece outra significação além da que lhes pôde achar um critério seguro e imparcial, — o conflito, que a imprudencia não soube evitar, entre os efeitos das novas instituições adoptadas e os velhos costumes da política brasileira.

Na confusão que resulta desse encontro de correntes oppostas (uma que traz, para a estabilidade, em perigo, a república federativa, a força centripeta da opinião democrática do paiz, a outra procedente das ruínas de um passado que, por todos os meios, fracos ou simulados, tentam resuscitar os inimigos de nossa lei fundamental) na confusão que d'ahi resulta, os pescadores das águas turvas tratam de tirar o proveito que podem, desservindo a república, de um modo quo os incompatibilizou o menos possível para a monarquia, o messias de qua não desesperaram.

O problemático da situação cifra-se n'essa monstruosa aliança dos mantenedores das instituições vigentes, dos responsáveis pelos destinos da actual forma do governo, com as filiras dos que, desde a proclamação da república, tacita ou expressamente, suffragam a tenebrosa ideia da restauração, que têm a astúcia de iludir com as cores cambiantes do partido *sai-diant* católico, ou com qualquer outro pretexto, à cuja sombra outros menos ingenuos facilmente deparam, acocorado o monarquismo refectorio.

Na luta pela verdade, quo é a instalação real do governo do povo pelo povo, sem a mystificação do *modus vivendi* entre este e a coroa, como querem os secessários do régimen representativo do pacto de 1824, nôs, os genuinos defensores da constituição federal, estamos decididos a toda especie de sacrifícios, consciços de que a victoria de nossos princípios, embora com detimento de nossos interesses pessoais, ha de se impôr às circunstâncias afflictivas do momento; e, nesse intuito, combatendo os adversários, indiscisos ou declarados, que, por um réquinte de tergiversação, de chicana desabridada, acham-se à protecção do proprio governo republicano, não nos batemos contra este, defendemos, como nos permitem as forças de que dispomos, a bandeira de nossos princípios, a que hastearam, nás ameias do patriotismo brasileiro, os autores da revolução de 13 de Novembro.

Não nos constitutinos, como insinua a má fô, o orgão dos interesses de uma *colleris*, que, para ser olygarchia, seria a dos elementos sâos da política parahybana, a unica, sem dúvida, que enfrenta corajosamente o omnioso trabalho de sapa, com que vão tentando os nossos adversários irrecconciliáveis o desmoronamento da forma de governo consagrado na lei basica de 24 de Fevereiro.

O despeito ou a fraqueza não faleará, um só instante, essa nobre e ardau missão, a que, filhos legítimos da imprensa honesta e livre, nôs, que constituimos o corpo d'esta redacção, puzemos lombros, adherindo sinceramente à positivação, no meio nacional, das aspirações dos bravos propagandistas republicanos.

Definimos, assim, como já o fizemos, desde o nosso apparecimento no mundo da publicidade, a nossa franca e decisiva attitudé,

Praza aos Cens que igual procedimento de probidade politica seja imitado pelos que, pela imprensa, nos queiram combater, e com os quais não evitaremos, de modo algum, a luta, quando esta se limite à arena dos princípios, na esphera das boas normas, onde os tiros não atingem senão as personalidades públicas, ao contrario do que tem se observado no pobre jornalismo do Parahyba, tantas vezes brumado pela pornographia impudente e envergadora.

Saltamos, os rancores que tanto estreitam os horizontes da politica, e travemos, no campo razo da discussão, ou quo maior atençao, mesmo leal, o combate das ideias, e o

Estado do Parahyba, por mais sorias que sejam as forças inimigas, ha de vencer, porque está com a opinião nacional.

R postando

A anarchia que a suposta revolução do 27 a 31 de dezembro ultimo implantou nesta capital já vai levantando por todo o Estado, e também levando, descrença e terror ao seio de todas as classes sociais, que, por forma alguma concorreram para ella, nem concorrerão, desde quo o seu mal era a inveja, era a ambição. Substituindo-se de momento a legitima autoridade por um governo, que devia envergonhar-se de si, dizendo acelamado por pequena parcela da esfera de nossas sociedades, que aqui se apresentavam nas rous publicas, sem saber e sem dizer o que queriam, e apelias, atestada a sua rudeza e selvageria, as classes sâas da sociedade, por melhor conceito que fago dos individuos, não podem ver nesse governo a sua segurança, individual e garantia de seus direitos, pois que a lei, foi por sua vez, substituída pela violencia, que o caracte-

risa.

E esse sentir demonstrou-se desde logo, porque, tendo pretendido depor o Governador deste Estado na noite de 27 de dezembro, e no dia seguinte encerrando as ruas da cidade a multidão desenfriada e inconsciente, que contudo coube a infelicidade de não auxilia da força pública, atrevendo-se a desgosto e o susto que lhe não n'âmba.

Mas, logo que se divulgou a notícia da restituição do poder, a quem de direito aíla se achava investido, a alegria se manifestou, e as grandes classes, começando pelo comércio, traduziram em claras demonstrações

o prazer de que se achavam pos-

suidos—com a manutenção da ordem pública, que nunca aqui foi alterada, geicas a moralidade administrativa e a reconhecida prudencia do Dr. Venâncio Neiva, ainda Governador deste Estado, que reuniu, em torno de si as melhores sympathias, sem ter sido preciso impôr-se por meios violentos e brutos, quais os que se tem posto em prática, ultimamente.

Esta verdade, que acentua na consciencia de todos os que conhecem as costas d'este Estado, procuram os invejosos deturpar a força de muito repetir a mentira, chegando ao ponto de dizerem que o Dr. Venâncio Neiva foi *atirado ao desprezo*!

Realmente, houve muito aquello n'nosso concidadão essa asserção grossa, porque, encontra desde logo a represâo a mais completa, ainda mesmo n'aqueles que seom dizer-se os seus adversários, s' que elle os tem, porque ser se adversário do Dr. Venâncio Neiva—é ser-se inimigo da Parahyba.

Insinuando-se, para intrigar, vem os pseudos-governistas appellando as classes laboriosas e dirigentes da sociedade, e mostrando que foram elas que se apoderaram na representação do Estado, influente a classe militar, a qual dão mais largas atribuições, do que os principios estabelecem.

E' para o brio e a dignidade das mesmas classes—que juntos apelhamos porque em publicas manifestações sempre deixaram ver o apoio franco e decidido ao governo do Dr. Venâncio, e na chamada revolução—nenhuma parte tomaram, e antes a reprovaram, e reprovam, de modo inequivoco.

E' a inveja e somento a inveja que predominou em toda essa comédia ridícula, que a vingar terminará irremediavelmente por desgraçada tragedia, porque a Parahyba, nôs, que nem podia suportar a imposição indecente de um governo violento, por mais considerados e por mais dignos quo sejam os individuos que o representem.

E entso para finanças, que tanta atençao, ou quo maior atençao, mesmo leal, o combate das ideias, e o

Com que deis de meios contará, e porquê meios importa a sua exclusiva vantagem?

Contará ainda nesse comenos com o auxilio do engenho «Reis»?

Não se são pacâhybas, se estramecem por esta terra, pensam os senhores governistas no futuro não remoto, e deixam-se de illusões e fantazias, e reflectam muito, porque, por mais economia que apparecem fazer, a anarchia que por toda parte vai langeando, suas raizes recuam todo o auxilio.

Para que essas deposições de intendências, que ainda não foram eleitas, e autoridades demissíveis ad nutrum?

Para anarquizar tudo, para o povo entender que está licenciado, e conseguentemente—izemto de toda a obrigaçao, como ja o temos visto prometer-se.

Sentimos de coração este estado, mas resta-nos a paz da consciencia que nos assegura não termos concordado para elle, p'ra forma alguma.

On dirá sagacidade, muito tino a fim de restabelecer a legalidade, ou então tudo estará irremediavelmente perdido.

Caveat populus consulensque caret.

Está salva a patria!

Nº O Parahyba n.º 3 de 12 do corrente encontramos o seguinte telegramma:

RIO, 8.

Baltar.

Apoiem junta governativa. Retribuimos felicitações.—B. Abrahão.

Bem estava nos parecendo que faltava alguma causa à junta, que ella andava como que as epalpadellas.

Mas agora está saiva a patria e também junte. Oh terce, que quer que iacta Juncta!

Baltar! Podeis orgulhoso excluir parodiando Ciceron: *Oh fortunatum, nalam, Baltare, duce Junctam!*

Annaes do teatro à da musica

O Sr. Cellares Pereira, critico teatral vai, encetar em Lisboa, sob o título supra, a publicação de uma série de livros, cosa inteiramente nova em Portugal.

Em cada livro, jara o balango teatral do anno a que se referir, registrando dia a dia o movimento de todos os espectaculos, sua composição, distribuição critica, literaria e artistica, apreciação do desempenho, substituição do desempenho, substituição dos papéis e suas causas, demorando-se na critica dos trabalhos novos.

Ocupar-se-ha de todos os programas de concertos e suas criticas.

O 1º volume sahira em fisiculio e compreenderá o anno corrente.

E curiosa a estatística da embriaguez em Londres e Pariz de Galles, em uma população de 29 milhões: fôrão presos em 1891 em completo estado de embriaguez 173:036 pessoas nos quais 162:730 em Londres e 10:250 em Calles. Nesta somma ha 2.000 prisões realizadas nos dominios.

Na Inglaterra o condado de Lan-

cashire figura na frente da estatística e depois a de Durkan e York.

Vai crear-se em Pariz, uma piscina municipal cuja entrada é gratuita, Com seis mil francos ficará ella em condições de funcionalizar.

Expediente do Governo

Hontem chegou-nos as mãos um oficio da junta, datado de ante-

bontem, dizendo que ella havia no dia 1 do corrente mez (o que não consta dos actos do governo d'este dia) rescindido o contrato celebrado com a nossa empreza para a publicação do expediente:

Para salvaguardar os nossos di-

reitos que por aquelle acto foram atropelados, como oportunamente provaremos, protestamos contra o mesmo acto:

Parahyba, 12 de Janeiro de 1892.

Eutychiano Barreto.

Tenente Belarmino de Athayde

Com destino ao 3º batallão de infantaria, estacionado nas inhospitas e longinquas plagas do Amazonas, esteve de passagem entre nós o nosso distinto co-estadano tenente Belarmino Augusto de Athayde, vítima da sanha da junta governativa do Recife, por ter cumprido o seu dever na lugubre noite, de triste recordação, de 18 de dezembro proximo passado.

O tenente Athayde commandava o esquadro de cavallaria da brigada policial e portou-se durante aquella covarde scena de sangue com brio e denodo dignos de todo q' louvor, batendo-se com um arrojo de louco contra forças dez vezes maiores.

E vencido. *Ve victis!* é o mote que hoje coléa'vante por sobre os escombros da federação?

Damos um aperto de mão ao bravo cidadão que foi victimo do cumprimento de seu dever e por isso mesmo ha de encontrar em sua consciencia o conforto para sempre praticar infamias e traïções d'esta ordem.

Dr. Alfredo Espinola

Acha-se entre nós, vindo de Campina Grande, onde reside, esse nosso distinto amigo e correligionario.

Comprimentamel-o.

Hospedes

Chegarão, ha poucos dias, a esta cidade, os Srs. Aprigio e Joaquim Espinola Junior e sua gentil irmã, a Exm.^a Sra. D. Analia Espinola, dignos filhos do nosso presadissimo amigo tenente coronel Joaquim Baptista Espinola, chefe politico na comarca de Mamanguape, onde residem.

Acham-se os illustros visitantes nenhuma creatura humana mas unicamente em cada um dos passeios laterais uma fileira dupla ou tripla de guarda-chuvas gotejando por todas as baleias.

Nossos respeitos.

Depois que a Ilha de Congo está sob a influencia Europeia, ha em Anvers um comércio de madeira cuja importancia não tarda a contrabalançar o de Liverpool.

Fizeram-se vendas comprehendendo 3.000 toneladas de um peço total de 33 toneladas. O marfim do primeira excolha val 3.300 francos por 100 kilogramas e por ahi pode fazer-se idéia da importância do comércio.

POR TELEPHONE

PHANTASIA AMERICANA

POR

Mark Twain

— Gracejador incomumavel! Que sus-

to me causou! E' séioso?

— Só Palavra de honra! Socegue,

diga-me a hora e receba a minha benção.

— Aqui são nove e cinco minutos.

Mas por este trabalho não exijo paga.

Pique com a sua benção.

— Obrigado, mas eu lá por isso não

ficava mais pobre, querida tia, nem a

tia falaria rica bastante para poder

viver sem outros rendimentos.

Levantou-se murmurando: «Nove e cinco minutos» e disse: «Olá! Regulas melhor que de costume; só te enganas em trinta e cinco minutos!» Depois de fazer um cálculo mental, andou com os ponteiros até marcarem uma hora menos vinte e cinco minutos.

Sentou-se outra vez ao telephone e chamou:

— Tia Suzanna?

— Estou aqui, meu sobrinho.

— Ha uma hora.

— Esta ocupada em alguma coisa?

— Não, a não ser na costura. Por que o pergunta?

